
Comunicação é ancestralidade: “encontre o seu caminho de volta, lembre-se de quem você é e se empodere”¹

Sandra Rita de Cássia ROZA²
Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, MG

RESUMO

O presente artigo tem o objetivo de abordar como a comunicação é uma habilidade aprendida com os nossos ancestrais: mãe, pai, avós e avôs, entre outros familiares. Muitas vezes, são eles que nos inspiram a levá-la em frente como uma profissão. Neste estudo, foi abordada essa relação, a partir da ancestralidade de pessoas negras com o continente africano. Tendo como pontos norteadores a música e o videoclipe de *Find Your Way Back*, de *Black is King* (2020), filme de Beyoncé, como apresento em (Roza, 2022). A fim de aprofundar o debate, autores como (Barbosa, 2019), (Hernandez, 2013), (Nascimento, 2016), (Roza, 2022) e (Santos, 2016) e foram acionados, principalmente por pesquisarem as temáticas da comunicação, ancestralidade, autoestima e subjetividade. Para compreender melhor a conexão entre a comunicação e os objetos, foi realizada uma análise interseccional, que desenvolvi para analisar Beyoncé (Roza, 2022). Entre os resultados obtidos estão que: as obras analisadas são um convite para um encontro com a ancestralidade africana, o autoconhecimento, o empoderamento e a autoestima.

PALAVRAS-CHAVE: Beyoncé; autoestima; ancestralidade; pessoas negras; comunicação.

1. Introdução

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, integrante da programação do 47º Congresso de Ciências da Comunicação, realizado em etapa remota de 27 de agosto a 29 de agosto de 2024. O estudo apresenta parte dos resultados obtidos na dissertação de Mestrado em Comunicação, da autora: “Beyoncé sob uma lente interseccional: uma análise das representações de mulheres negras em *Lemonade*, *Homecoming* e *Black is King*” (2022).

Além disso, dedico essa pesquisa à minha avó materna Maria (*in memoriam*) e ao meu avô paterno Jesus (*in memoriam*), ambos falecidos em 2024, mas que me ensinaram muito sobre a vida e a comunicação. Meus sinceros agradecimentos, vó e vô.

² Mestra em Comunicação pela Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop), Jornalista (Ufop), Especialista em Comunicação e Sociedade 5.0 (HSM University), formada em: Stakeholders e ESG (FIA Business School), em Liderança em Universidades da Ivy League (Harvard University, Cornell University e Dartmouth College); e em Equidade de Gênero: Diversidade, Equidade e Inclusão (Università degli Studi di Padova) e Marketing Social (Griffith University), e, atualmente, cursa Avaliação do Ciclo de Vida e Economia Circular (Fundação Getúlio Vargas - FGV). É Fellow do Climatebase 2024, Liderança Global pela Clinton Global Initiative University (CGI U 2023, Clinton Foundation, sendo uma das 6 brasileiras selecionadas para a edição) e Liderança Nacional (ID_BR - Instituto Identidades do Brasil, 2021). Email: sandraroz72@gmail.com.

Eu cresci com várias pessoas da minha família me ensinando sobre a comunicação. Comecei aprendendo *storytelling*³ e arte da oratória com minha mãe, pai, avós e avôs. Eles compartilhavam os seus famosos “causos mineiros”⁴, que chamo carinhosamente e registro nessa pesquisa, de “*Storytelling Mineirês*”⁵. Elas consistem em histórias de vida, de experiência, sobre o cotidiano deles, desde a infância, grande parte em regiões de Minas Gerais e em Mariana.

Cada relato se tornava um longa-metragem nas nossas imaginações. Risadas, sustos, surpresas, suspenses eram as emoções de uma linda tarde ensolarada, de um dia de chuva, de uma noite fria; momentos sempre acompanhados de café, bolos, entre outras comidas típicas mineiras. Enquanto aprendíamos sobre a vida, aprendíamos também a nos comunicar, a ouvir as outras pessoas, a escutar, a respeitar o tempo de fala das outras pessoas e a aguardar a nossa vez de falar.

Nesse meio, eu, uma menina muito curiosa, fui despertando o interesse pelo o que elas compartilhavam, fazendo perguntas e descobrindo todos os detalhes. Anos mais tarde, eu já desenvolvia histórias faladas e escritas com muita habilidade e agilidade, levando a escrita e a comunicação como hábitos diários, criativos, prazerosos e divertidos. Nascia, então, uma jornalista, a minha profissão e, mais tarde, uma mestra e especialista em comunicação.

Durante a minha caminhada pessoal e profissional, sempre ouvi várias vezes, que não me comunicava ou escrevia bem, principalmente por não ser o padrão de perfil que é esperado de profissionais da área de comunicação: uma pessoa branca (geralmente um homem branco héteronormativo), nascida nos estados do Rio de Janeiro/São Paulo, classe média alta, que cresceu realizando intercâmbios para diferentes países, entre outras características.

Percebo como isso pode impactar a autoestima de diferentes pessoas negras e indígenas, que possuem potenciais comunicativos que vão além das padronizações, as levando a desistir da área ou se encaixarem. Assim, como a minha fonte de aprendizados foi a minha família, a nossa ancestralidade precisa ser celebrada como a fonte de poder na comunicação. É como Beyoncé canta: “Encontre o seu caminho de

³ Técnica narrativa que consiste no uso de histórias para apresentar diferentes assuntos.

⁴ “Causos” é a abreviação de “casos”, em Minas Gerais.

⁵ Histórias de vida, cotidiano e experiências de pessoas mineiras. Termo desenvolvido e registrado por pesquisadora, nessa pesquisa.

volta, mas lembre-se de quem você é”, na música *Find Your Way Back*, do álbum *The Gift e Black is King* (2019/2020):

Papai costumava me levar pra andar pela rua. Papai costumava pegar minha mão, dizia: vem comigo. Papai costumava me levar de volta pra casa o tempo todo. Quando eu fiquei grande o suficiente pra correr por aí, papai me deixou do lado de fora. Ele disse: Encontre seu caminho de volta. O mundo é bem grande, mas você dá conta, meu bem. Encontre seu caminho de volta. Não deixa esta vida te enlouquecer. Encontre seu caminho de volta. Volte para casa com as luzes da rua acesas. Encontre seu caminho de volta. Encontre seu caminho de volta. Papai costumava me dizer: Olhe para as estrelas. Já faz muito tempo, mas lembre-se de quem você é. É o ciclo da vida, mas um dia eu talvez não sobreviva. É o ciclo da vida, mas um dia eu talvez não sobreviva (BEYONCÉ. **Find Your Way Back**. Los Angeles: Parkwood, Columbia Records, 2019)⁶.

Além disso, a relevância de “encontrar o seu caminho de volta, mas lembrando quem se é” é a essência do movimento Sankofa, sabedoria africana que “significa voltar ao passado, aprender com ele e caminhar em um futuro melhor” (Roza, 2022, p. 22). Esse foi um dos aprendizados que usei quando decidi pesquisar Beyoncé, para me reencontrar e compreender como nos conectamos na vida, no meu território e na pesquisa. Para isso, me inspirei

nos símbolos Adinkras⁷, principalmente no Sankofa⁸ (...). Há Sankofas em diversos portões e grades de ferro⁹ em Mariana e Ouro Preto (e em várias outras regiões de Minas Gerais e no Brasil), carregando ensinamentos poderosos.

Os Adinkras eram (e ainda são) ótimos exemplos de estratégias de comunicação e conexão. Como abordo em (Roza, 2022, p. 22):

Quando as pessoas negras construíram as cidades, como Mariana, elas deixaram seus conhecimentos, técnicas, histórias e comunicação em cada detalhe. Dessa forma, no momento em que temos acesso a apenas uma história, como, no caso a europeia, sobre o surgimento de um local, as chances de aprender outras formas de comunicação ou observar um símbolo Adinkra em um portão ou janela e saber da sua importância e significado, são reduzidas.

⁶ Disponível em: <https://www.letras.mus.br/beyonce/find-your-way-back/traducao.html>. Acesso em: 25 jun. 2024

⁷ “Criados pelos povos Akan, de Gana, na África, os Símbolos Adinkra primeiramente eram usados apenas em vestes de funerais para simbolizar uma personalidade da pessoa falecida. Por exemplo, se ela era resistente e perseverante, usavam-se roupas com o símbolo Aya, que é representado pela folha da samambaia por ser uma planta resistente e que nasce em qualquer lugar, até em concretos. Depois, o uso dos Adinkras foi se popularizando e se tornando presente em vários momentos e com diferentes finalidades” (Roza, 2022, p.22).

⁸ Disponível em: <https://www.dicionariodesimbolos.com.br/sankofa-significado-desse-simbolo-africano/>. Acesso em: 19 jul. 2021 (Roza, 2022, p.22).

⁹ (Cerqueira, 2016).

Para esse artigo, apresentarei como *Black is King (2020)*, de Beyoncé, é um filme de múltiplas interpretações. Entretanto, aqui, focarei na comunicação e a relação com a ancestralidade de pessoas negras com o continente africano. O meu principal objetivo é também destacar a importância dessa relação para o empoderamento e elevação da autoestima de pessoas negras na área da comunicação e no desenvolvimento da habilidade, em diferentes setores e nos relacionamentos pessoais e profissionais.

2. Por que esquecemos de quem somos e do nosso poder ancestral?

Esquecer uma lembrança pode ser um processo natural ou intencional, por exemplo. Entretanto, quando abordamos as memórias ancestrais da população negra escravizada, no Brasil, destaca-se, na maioria das vezes, o esquecimento intencional, apoiado pelo Estado Brasileiro e suas múltiplas estratégias e planos para apagar, cada vez mais, essas memórias.

De acordo com Abdias do Nascimento (2016, p. 69), em 1899, o ministro das Finanças Rui Barbosa, ordenou a

incineração de todos os documentos – inclusive registros estatísticos, demográficos, financeiros, e assim por diante – pertinentes à escravidão, ao tráfico negreiro e aos africanos escravizados. Assim, supunha-se apagar a ‘mancha negra’ da história do Brasil. Como consequência lógica desse fato, não possuímos hoje os elementos indispensáveis à compreensão e análise da experiência africana e de seus descendentes no país.

Ainda, voltando um pouco mais no passado, Aline Hernandez (2013, p. 84) contextualiza que as pessoas negras escravizadas, antes de serem levadas do continente africano, eram obrigadas a dar

voltas em torno de um baobá, a *Árvore do Esquecimento*¹⁰, para perder a memória de seus vínculos de família, língua, costumes e seu pertencimento a um lugar e uma cultura. Mas, a história demonstra que as voltas em torno ao baobá não serviram para o apagamento de memórias e histórias.

¹⁰ Grifo de Aline Hernandez.

Esses dois momentos históricos influenciaram, em grande parte, os aprendizados sobre a história da escravização, principalmente no Brasil. E, muitas vezes, podem influenciar as memórias da população negra e de suas gerações, impactando também na autoestima, subjetividade e empoderamento delas.

Outro contexto histórico que merece destaque, a respeito da escravização no território brasileiro, são as diferentes maneiras de comunicação das pessoas escravizadas, mas também, em grande parte, “apagadas da história” e da grade de vários cursos de comunicação do país. Segundo Marialva Barbosa (2019, p. 22), aqui

produziram modos duradouros de comunicação, misturando às suas práticas orais extremamente complexas, modos letrados de comunicar. Sabiam ler, escrever e contar. Tinham habilidades que os faziam ocupar profissões pouco prováveis, como, por exemplo, livreiros, amanuenses, carpinteiros, mestres chapeleiros, entre dezenas de outras, mostrando o imperativo de manejarem a leitura e a escrita. Vez por outra, podemos ver as assinaturas que postavam nas cartas de alforria e em outros papéis. Podemos ver também as cartas que escreveram, os poemas que construíram, as escritas de si mesmo, sobre um si mesmo e muitas vezes para outros (Barbosa, 2013, 2016). Entretanto, esses modos de comunicação foram silenciados por séculos.

Além disso, é relevante destacar que numa sociedade em que, na maioria das vezes, é imposto o padrão do homem branco europeu heteronormativo, nas diferentes esferas de poder, por exemplo, na mídia, a autoestima de pessoas negras na comunicação pode ser afetada, como explica Suely Santos (2016, p.73), ao apresentar que uma

série de *falsas verdades*¹¹ e falas capciosas, que geram dúvidas capazes de deturpar a subjetividade pessoal e também, a subjetividade coletiva, deixando suas vítimas inseguras e, portanto, com a autoestima muito rebaixada. Desse modo, tais falácias atacam as subjetividades das pessoas (des) configurando ou destruindo ou parcialmente os seus sistemas simbólicos, ou seja, os seus significados, valores e sentidos culturalmente originais, plantando no seu lugar, os interesses daqueles que buscam dominá-las.

“Os valores e sentidos culturais originais” são potências essenciais da ancestralidade. Esquecer deles, principalmente, devido uma sociedade que os inferioriza, assim como as nossas experiências de vida, é também esquecer de quem somos. Entretanto, é preciso retornar e encontrar o nosso poder adormecido. Esse é um dos principais convites que Beyoncé faz em *Black is King* (2020).

¹¹ Grifo de Suely Santos.

Na trama, que referencia a história de “O Rei Leão” (2019),

um menino negro trilha a sua jornada, como Simba, de reencontro a si mesmo, para se redescobrir, afirmar como um rei e assumir o trono. Nesse processo, histórias africanas e diaspóricas entram em cena para reescrever novas narrativas e despertar as pessoas negras para um passado histórico, em que elas são realezas (Roza, 2022, p. 224).

As narrações podem ser interpretadas de diferentes formas, mas, principalmente, elas se conectam com a vozes de ancestrais que contam para o menino quem ele era, a sua história. Podemos interpretá-las como vozes de mães, pais, avós, avôs, entre outros, compartilhando seus ensinamentos para a nova geração, como eu compartilhei esse movimento realizado pela minha família, na Introdução.

3. Metodologia

Os caminhos metodológicos do presente estudo foram traçados em 4 etapas: **1. Escolha do tema e objetos**, **2. Revisão bibliográfica**, **3. Escolha dos objetos a serem analisados e escrita da pesquisa** e **4. Análise e resultados**.

Na primeira etapa, foi realizada a escolha do tema. Chamo esse momento de reconhecimento e homenagem aos meus familiares, que me ensinaram e me ensinam muito sobre a comunicação, e também uma inspiração proveniente de outras pesquisas realizadas sobre a comunicação e Beyoncé. Entre as obras da cantora, foram escolhidos, como pontos norteadores, a música e o videoclipe de *Find Your Way Back*, por dialogarem com os aprendizados da infância e a importância de crescer, mas não esquecer o caminho de volta, ou seja, não se perder.

Na segunda etapa, fiz o levantamento de estudos que conversam com a temática desta pesquisa e que embasam as abordagens. Depois, os selecionei para uma leitura crítica e fichamento dos trabalhos.

Na terceira etapa, com o objetivo de compreender melhor a conexão entre a comunicação e *Black is King* (2020), foram escolhidos 3 trechos dele, que dialogam com a música e o videoclipe *Find Your Way Back* e a essência de “Encontrar o caminho de volta”. São eles: **Trecho 1: Simba e o pai**, **Trecho 2: Simba se distraído, com medo e fugindo** e **Trecho 3: Simba dormindo, se afogando e se ascendendo**.

Destaco que o processo de escolha dos trechos se deu, primeiramente, pela sequência de cenas/trechos antes e depois de *Find Your Way Back* e também de outros que estavam conectados, mas que estão presentes em outros vídeos durante *Black is King*, conforme apresentarei a seguir, na análise. Além disso, nessa etapa, iniciei também a escrita do artigo, conectando as etapas anteriores.

Na quarta etapa, para realizar a análises dos objetos, apliquei a Lente Interseccional, que desenvolvi para analisar Beyoncé (Roza, 2022, p. 142): “Como eu vejo Beyoncé e seus trabalhos?”. E, para ilustrá-la, de maneira metafórica, ela seria uma lente de uma câmera fotográfica, por se tratar de objetos audiovisuais”. O desenvolvimento dela ocorreu para problematizar as diferentes questões, atravessamentos e marcadores sociais que envolvem quem pesquisa Beyoncé, por exemplo, raça, gênero, classe, território, geração, entre outros.

Todos eles podem influenciar na forma que uma pessoa analisa a cantora e os seus trabalhos, trazendo para os debates múltiplas interpretações, sem se fechar em uma 100% verdadeira ou 100% falsa. Todas são caminhos possíveis para decodificar os detalhes das obras da artista, além de codificar outros.

4. Análises e resultados

4.1. Simba e o pai

Em *Black is King* (2020), há um trecho, antes do clipe de *Find Your Way Back*, em que Simba está com o pai. Este entrega um objeto (parecido com uma amпуlheta de madeira com um formato de coroa na parte superior) para o menino, enquanto se ouve a voz do narrador: “Vou lhe dizer algo que o meu pai me disse. Olhe para as estrelas. Os grandes reis do passado zelam por nós lá das estrelas. Sempre que se sentir sozinho, lembre-se que os reis estarão lá para orientá-lo e eu também”.

Durante a narração, são exibidas as cenas (figura 1) da entrega do objeto, os dois olhando para o céu, que se enche de estrelas rodando e formando um redemoinho. Analisando a narração e as imagens, é possível observar como um ensinamento familiar é repassado de um pai para o filho, assim como uma herança familiar, por meio de uma história, da comunicação oral, ilustrada também com o movimento das estrelas. De

acordo com Reginaldo Prandi (2001, p. 52), para “os africanos tradicionais, o conhecimento humano é entendido, sobretudo, como resultado do transcorrer inexorável da vida, do fruir do tempo, do construir da biografia”.

Um aprendizado, conforme apresentado no decorrer deste artigo, que poderá guiar a trajetória da criança, a levando ou não a repassar o conhecimento para as futuras gerações. Uma vez que, os

atos de comunicação são, portanto, ações e reações produzidas capazes de prefigurar o tempo numa dimensão em que se estabelecem liames e ligações do passado tornado presente e vislumbrado como futuro (BARBOSA, 2019, p.14).



Figura 1. Simba com o pai.
Reprodução: autora

Além do mais, ao relacionar esse momento com a música *Find Your Way Back*, se encontra o seguinte trecho e as cenas abaixo no videoclipe:

Papai costumava me dizer: Olhe pras estrelas. Já faz muito tempo, mas lembre-se de quem você é. É o ciclo da vida, mas um dia eu talvez não sobreviva” (BEYONCÉ. **Find Your Way Back**. Los Angeles: Parkwood, Columbia Records, 2019)¹².

Enquanto isso, Beyoncé aparece olhando para o céu, num deserto. Depois, ela é posicionada em frente uma lua cheia transparente e abre os braços, como se carregasse a lua nos ombros.

¹² Disponível em: <https://www.letras.mus.br/beyonce/find-your-way-back/traducao.html>. Acesso em: 25 jun. 2024



Figura 2. Sequência de Beyoncé em *Find Your Way Back*.
Reprodução: autora

Na sequência, a artista faz o movimento com as mãos de vai e vem, simbolizando que algo vem e vai para dentro de si, próximo ao coração, ao cantar “Encontre o seu caminho de volta”. É interessante também perceber como a lua cheia pode representar o mundo, a ideia de carregá-lo nas costas, por exemplo.

4.2. Simba se distraindo, com medo e fugindo

Após, a exibição do videoclipe de *Find Your Way Back*, é apresentado o trecho de Simba andando na frente dos pais e segurando um kalimba, instrumento musical africano (figura 3, 1ª imagem). Na sequência, são exibidos os videoclipes *Don't Jealous Me*¹³ (2ª e 3ª imagem da figura 3 - em que Simba aparece sentado em um sofá em um galpão e depois andando com medo em um corredor) e *Scar* (4ª imagem da figura 3 - em que Simba foge da aldeia).

¹³ Tradução para o português: “Não me inveje”.



Figura 3. Sequência de Simba com os pais, sentado em um sofá, com medo e fugindo.
Reprodução: autora

Observando essas imagens, é notável como Simba se “esquece”, se distrai no caminho e foge do seu destino, na narrativa: o trono. Quando conectamos esses pontos com a comunicação ancestral, se destacam também o crescimento, o esquecimento de muitos aprendizados da infância, as distrações, as pressões e padronizações sociais e comunicacionais, os medos e as fugas. Ou seja, fugir de si mesmo, de quem se é, da própria essência, da comunicação aprendida ainda criança.

Agora, conectando as sequências com *Find Your Back*, há o seguinte trecho, no refrão:

O mundo é bem grande, mas você dá conta, meu bem. Encontre seu caminho de volta. Não deixa esta vida te enlouquecer. Encontre seu caminho de volta. Volte para casa com as luzes da rua acesas (BEYONCÉ. **Find Your Way Back**. Los Angeles: Parkwood, Columbia Records, 2019)¹⁴.

Assim, é possível interpretar as padronizações e pressões sociais como uma forma de “enlouquecer”, em meio a diversas informações. Já “o voltar para casa com as luzes da rua acesas”, pode ser interpretada como uma maneira de lidar com os medos. No caso de uma criança, do medo do escuro, mas também como um marcador ou direção do caminho, por exemplo, as migalhas de pão deixadas no chão, por João, no conto de fadas de João e Maria¹⁵. Uma maneira que eles encontraram de não se perderem e saberem como voltar para casa.

¹⁴ Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/beyonce/find-your-way-back/traducao.html>. Acesso em: 25 jun. 2024

¹⁵ Exemplo citado pela autora apenas para ajudar na compreensão da análise. Destaco que nas obras analisadas não há citações/menções a esse conto de fadas.

4.3. Simba dormindo, afogando e se ascendendo

Durante a exibição do videoclipe *Mood 4Ever*, Simba aparece dormindo no chão (1ª imagem da figura 4). Já na apresentação de *Otherside*, Simba surge, já adulto, se afogando e pegando o objeto que o pai o deu, na infância (figura 1), e o entrega para uma senhora. Ela coloca as mãos com uma tinta branca no rosto dele e ele sobe aos céus. Então, Beyoncé narra: “Saudações, aos sobreviventes do mundo. Os anciãos estão cansados. A Deus pertencemos, a Deus retornamos. Você se encontra num local com todas as pessoas que perdeu e dança de alegria puro como o rosto do seu pai”.

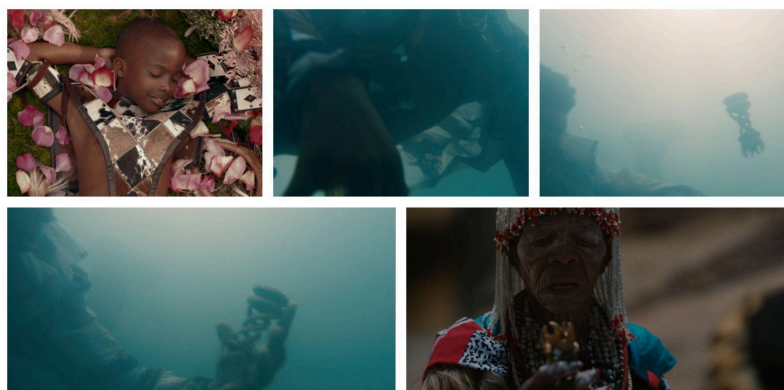


Figura 4. Simba dormindo, afogando e se ascendendo (*Lemonade*, 2016).
Reprodução: autora

É interessante analisar como essa sequência de imagens se conecta com a figura 1, com a fala do pai dele, mas também com o “Encontrar o caminho de volta”. Se na infância, Simba aprende os ensinamentos, cresce e tem medo deles, na vida adulta, ele retorna para eles. Se recupera e consegue ascender, isto é, recuperar a sua essência.

Já a narração de Beyoncé pode estar relacionada com o ato de morrer e subir aos céus, conforme as religiões cristãs acreditam e pregam. Para essa análise, o morrer de Simba pode ser interpretado como o “morrer para uma ideia de si (criada ou imposta socialmente)” e “e renascer para se encontrar de verdade”, mas também enfatizar o ciclo da vida (nascer, crescer, reproduzir, envelhecer e morrer), um dos temas centrais de “O Rei Leão (2019).

De fato, “Encontrar o caminho de volta”, que no videoclipe é enfatizado na frase: “É o ciclo da vida, mas um dia eu talvez não sobreviva”(BEYONCÉ. **Find Your Way Back**. Los Angeles: Parkwood, Columbia Records, 2019). Nesse ponto, o “não sobreviver” liga o início da cena do pai com o filho, o movimento cíclico das estrelas no céu e o legado.

Ademais, o mais instigante é que esse momento mostra também a ideia cíclica do tempo, oriundas de culturas não-ocidentais. De acordo com Reginaldo Prandi (2001, p. 52), para os iorubás¹⁶

o tempo é cíclico, tudo o que acontece é repetição, nada é novidade. Aquilo que nos acontece hoje e que está prestes a acontecer no futuro imediato já foi experimentado antes por outro ser humano, por um antepassado, pelos próprios orixás.

Esse tempo cíclico é “o tempo da natureza, o tempo reversível, e também o tempo da memória, que não se perde, mas se repõe” (PRANDI, 2001, p. 49).

5. Considerações finais

Para você, o que é “Encontrar o caminho de volta?” Acredito que, para essa pergunta, você não tenha uma única resposta e que ela te leve a passar alguns minutos refletindo muito, não é mesmo? Nesse estudo, apresentei, brevemente, a importância de “Encontrar o caminho de volta”, tendo como objetos de análise *Black is King* (2020), a música e o videoclipe *Find Your Way Back*, da Beyoncé. Aqui, o objetivo foi o de realizar um diálogo entre a ancestralidade e a comunicação.

Dessa forma, viajei no tempo, me lembrei de como os meus familiares presentes e *in memoriam* me ensinaram muito e ainda me ensinam sobre a comunicação. Assim como o Simba recebeu os ensinamentos do pai, eu recebi conhecimentos valiosos, que me levaram a seguir os caminhos da comunicação, como uma profissão. Foram eles que me inspiraram na escrita de cada palavra e também são as minhas bases que me fazem impactar o mundo, comunicando.

Por isso, escolhi trazer a importância de olhar para o passado, como forma de “Encontrar o caminho de volta”. De modo, a fazer com que cada pessoa, que ler esse

¹⁶ Povo africano. Em *Black is King*, Beyoncé faz referência à religiosidade deles. (Roza, 2022)

artigo, relembre das pessoas e lugares que foram os alicerces das suas formas de comunicação, de diferentes maneiras, porém de um jeito único. Conectando tudo isso com *Find Your Back* e *Black is King*, foi possível compreender como as duas obras são um convite para um encontro com a ancestralidade africana, o autoconhecimento, o empoderamento e a autoestima.

Enfim, também um encontro e um abraço na criança interior, que pode ter se esquecido dela, dos aprendizados, da própria essência e do poder que ela possui. Desejo que cada pessoa possa se reencontrar e se empoderar. Entender que a comunicação é uma habilidade que exige treino. Talvez, no meio das pressões sociais, você não perceba que treina ela o tempo todo e treinou desde criança, aprendeu com grandes mestras e mestres em comunicação, bem próximos. Que tal lembrar? *Find Your Way Back*.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Marialva Carlos. **Comunicação, história e memória: diálogos possíveis**, Matrizes, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 13-25, jan./abr. 2019. Disponível em: <https://atualidadecritica.files.wordpress.com/2020/07/marialva-matrizes.pdf> . Acesso em: 07 out. 2024

BEYONCÉ. **Find Your Way Back**. Los Angeles: Parkwood, Columbia Records, 2019. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/beyonce/find-your-way-back/traducao.html>. Acesso em: 25 jun. 2024

Hernandez, Aline. **Histórias por escrever**: Um museu virtual sobre a influência negra na vida sociopolítica nos campos de cima da Serra. 2013. Canoas, RS. Revista DIÁLOGO, pp. 81-92. Editora Unilasalle. Disponível em: <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Dialogo/article/view/965>. Acesso em: 24 jun. 2024

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. São Paulo: Perspectiva, 2016.

PRANDI, Reginaldo. O candomblé e o tempo: concepções de tempo, saber e autoridade da África para as religiões afro-brasileiras. **Revista brasileira de ciências sociais**, v. 16, p. 43-58, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/BZgDYKY47Nn3gdPDwRTzCLf/?lang=pt>. Acesso em: 05 out. 2024

ROZA, Sandra Rita de Cássia. **Beyoncé sob uma lente interseccional: uma análise das representações de mulheres negras em Lemonade, Homecoming e Black is King**. 2022. 288 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2022. Disponível em: <https://www.repositorio.ufop.br/handle/123456789/15165>. Acesso em: 23 jun. 2024

SANTOS, Suely Virgínia dos. **Quilombos e Educação Escolar Quilombola**: estudo introdutório sobre subjetividade e atitudes reativas às afetações psíquicas causadas pelo

escravismo e racismo no Brasil. Dissertação de mestrado. Belo Horizonte, MG. Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Psicologia Social da Universidade Federal de Minas Gerais. 2016. Disponível em: <https://saraus.com.br/downloads/dissertacao-suely.pdf> . Acesso em: 24 jun. 2024